



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE (CCBS)
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA (DBI)**



**CICLO MENSTRUAL: CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 8º ANO
ACERCA DO FENÔMENO**

SABRINA SANTOS MATOS

Orientadora: Profa. Dra. Livia de Rezende Cardoso

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2022.1**

SABRINA SANTOS MATOS

**CICLO MENSTRUAL: CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 8º ANO
ACERCA DO FENÔMENO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe – UFS, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Livia de Rezende Cardoso

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2022.1

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus

A minha mãe, Sandra, por ser essa mulher que nunca me deixou desistir de nada e que nunca mediu esforços para que eu tentasse sair de uma condição em que diversas mulheres passam a vida inteira.

Ao meu irmão, Gilmarcos, por sempre ter estado comigo. Aos demais familiares que de certa maneira também me ajudaram na vida.

A Osmar, por ter permanecido comigo todos esses anos da graduação e ter me feito enxergar muitas coisas além do que eu enxergava.

Aos meus colegas e amigos, que direta ou indiretamente, me ajudaram durante esse percurso, em especial, aos meus verdadeiros amigos, tanto de graduação, como da vida, Daniela, Isabela, Raiane e Marcel, por sempre me ajudarem, seja com uma conversa, seja com uma risada ou até com um choro.

Ao meu cachorro, Snoopy, por ser um suporte na minha vida.

A mim mesma, por resistir emocionalmente aos obstáculos da vida.

A minha orientadora, professora Lívia, por ter me ajudado com esse trabalho de conclusão de curso e por ser tão compreensiva com cada um.

Por fim, gostaria de agradecer a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, por permitir que a minha trajetória próxima à Universidade fosse possível.

RESUMO

O ensino de Ciências e Biologia é considerado o espaço disciplinar propício para se debater questões voltadas à sexualidade e ao funcionamento do corpo humano, dentre eles, assuntos relacionados ao ciclo menstrual. No entanto, ainda se observa uma visão higienista, baseada em uma ideia biomédica do ciclo menstrual, a qual é considerado um motivo de tabu, o que reflete em estereótipos e mitos em torno dele e que se perpetua nas representações que os estudantes atribuem ao ciclo menstrual. Dessa forma, este trabalho teve o objetivo de investigar as concepções de alunos do 8º ano de uma escola pública do município de São Cristóvão, Sergipe, acerca desse fenômeno. A metodologia utilizada baseou-se em uma pesquisa de cunho qualitativo exploratório e para a análise dos dados, um questionário foi aplicado com alunos de duas turmas. De acordo com os resultados obtidos, pode-se perceber que os estudantes apresentam ideias e visões estereotipadas e confusas acerca das temáticas relacionadas à sexualidade e principalmente, ao ciclo menstrual.

Palavras-chave: Ciclo menstrual; Concepções; Ensino de Ciências e Biologia; Sexualidade.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Estrutura do questionário baseado nas divisões das perguntas e objetivos de cada questionamento	15
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
3. METODOLOGIA	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
4.1 OS DISCENTES	16
4.2 ORGANIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	16
4.3 PERCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE.....	16
4.4 ESCOLA: FONTE DE CONHECIMENTO.....	18
4.5 ENTRANDO NO TEMA MENSTRUAL... ..	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
APÊNDICE I.....	27
APÊNDICE 2	29

1. INTRODUÇÃO

O ciclo menstrual é um dos conteúdos vistos inicialmente durante o 8º ano do ensino fundamental, e é nesse momento escolar em que os assuntos relacionados diretamente à sexualidade são iniciados na sala de aula durante o ensino de Ciências e Biologia. Esse conteúdo está inserido nos tópicos ligados principalmente à reprodução humana, a fim de relacionar as mudanças ocorridas no corpo humano, neste caso, da mulher, durante a puberdade. Durante esse período, ocorre a ovulação, etapa necessária no funcionamento do ciclo, que acaba sempre estando relacionada à fecundação e, conseqüentemente, à gravidez.

O ensino de Ciências e Biologia caracteriza-se por apresentar um espaço em que é possível debater questões voltadas ao corpo humano e suas diversas potencialidades. É durante esse momento em que questões relacionadas às mudanças ocorridas durante a vida de um indivíduo são observadas, como questões relacionadas à sexualidade, em que muitas vezes apenas é vista no espaço escolar, e o próprio funcionamento do corpo humano. Percebe-se que muitas vezes esse ensino acaba por promover estereótipos e preconceitos quando trabalhado de maneira superficial e quando não se observa a complexidade do ser humano; sendo que esse acaba muitas vezes por carregar a obrigação de funcionar como uma máquina perfeita.

Esse é um dos problemas observados durante as aulas voltadas para os conteúdos relacionados ao ciclo menstrual, em que se constata em alguns livros didáticos e até mesmo nos discursos de professores de Ciências e Biologia, percepções fixas acerca dos eventos que ocorrem durante o ciclo, o que acaba por gerar expectativas sobre o próprio corpo, e muitas vezes, frustrações por parte das pessoas que menstruam. Além disso, na maioria das vezes em que o assunto é tratado, é relacionado principalmente à reprodução humana; fecundação e gravidez, dessa forma, o indivíduo que menstrua não vê benefícios ligados ao seu ciclo menstrual, o qual é representativo de saúde.

Atualmente, em redes sociais, como por exemplo o Instagram, rede que apresenta grande alcance, são inúmeras as contas que debatem sobre os ciclos, desde diversos mitos envolvendo o ciclo menstrual, algumas voltando para o lado clínico, outros biológicos, bem como a educação menstrual que beneficia os indivíduos que menstruam. Há também diversas páginas que repassam informações muitas vezes distorcidas quanto ao ciclo menstrual. Dessa

maneira, percebe-se que são persistentes os mitos e estereótipos que rodeiam os ciclos menstruais.

Assim, esse tema torna-se um motivo pertinente de se falar na atualidade, visto que cada vez mais observa-se a necessidade das pessoas que menstruam terem conhecimento sobre o seu próprio corpo, depois de séculos de opressão contra ele. Além da divulgação em redes sociais, há na internet e canais de streaming, como na plataforma Netflix, o documentário “Absorvendo o Tabu¹” que fala sobre pobreza menstrual e os mitos em torno da menstruação. Recentemente, a Disney também lançou o filme “Red”² que trata pela primeira vez sobre menstruação, o qual demonstra o tabu criado em torno dela, ao mesmo tempo que tenta desmistificá-la.

Dentro dessa questão atual e polêmica, o espaço que o ensino de Ciências e Biologia tem como propriedade para trabalhar essa temática poderia ser mais bem aproveitado, a fim de propor um ensino-aprendizagem mais crítico e emancipatório, principalmente no início da puberdade, momento em que diversos tabus são criados em torno dos corpos.

Recentemente, no Brasil, várias questões surgiram em torno do ciclo menstrual, e principalmente, da menstruação, quando surgiu em pauta o movimento de distribuição de absorventes gratuitos em escolas públicas, visto que diversas meninas são impossibilitadas de ir à escola por falta de recurso para comprar itens de higiene básicos, o que resulta num fenômeno denominado de pobreza menstrual. Depois de diversas manifestações em prol da promoção de dignidade menstrual, e até algumas vetações que excluía vários indivíduos, o decreto denominado Proteção Menstrual foi assinado pelo atual presidente do país em que é garantida a distribuição de itens como os absorventes. Segundo a CNN³, “O benefício será concedido a mulheres em situação de rua, aquelas de 12 a 21 anos que cumprem medidas socioeducativas e alunas de 9 a 24 anos de idade matriculadas em escolas que integram o programa Saúde na Escola.”

¹ Documentário lançado no ano de 2018 presente na plataforma de streaming Netflix, da diretora Rayka Zehtabchi e Melissa Berton. Ganhou o Oscar de melhor documentário em curta-metragem <https://www.netflix.com/br/title/81074663>

² Filme lançado no ano de 2022 que conta a história de uma adolescente vivenciando os momentos dessa fase, inclusive as mudanças no seu corpo <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/red-crescer-e-uma-fera/4mFPCXJi7N2m>

³ CNN é um canal noticiário de tv por assinatura ou em mídias digitais. “A CNN Brasil é uma empresa brasileira licenciada da marca CNN, em acordo assinado em janeiro de 2019 com a CNN International Commercial (CNNIC)” <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-assina-decreto-para-distribuicao-gratuita-de-material-de-higiene-menstrual/>

É no período da adolescência que grande parte das pessoas começam a apresentar inseguranças quanto ao seu corpo e aos fenômenos naturais que acontecem nele, muitas vezes por influência do que ouviram em suas casas, escola, roda de amigos e rede sociais, a partir daí, o natural começa a ter papel de vilão e ela não vê logo a hora daquilo acabar. Não é raro ouvir de meninas frases como “queria ter nascido homem só para não ter isso”, referindo-se à menstruação, e diversas outras frases que criam estereótipos que duram por toda uma vida e são repassados adiante.

A partir do que foi visto fica clara a necessidade de se trabalhar a educação menstrual, definida como a possibilidade das pessoas que menstruam terem um vasto conhecimento de informações sobre o ciclo menstrual, envolvendo diversas perspectivas, desde a biológica a social, sendo que essas informações devem ser repassadas por meio de evidências e sem estigmas (RELATÓRIO LIVRE PARA MENSTRUAR, 2021). Assim, ela pode ser trabalhada no espaço ocupado pelo ensino de Ciências e Biologia em sala de aula, a fim de aproximar as alunas de discursos emancipatórios e críticos.

Os fatos expostos acima demonstram a urgência de se trabalhar a educação menstrual voltada para a emancipação sobre o seu corpo e a necessidade do conhecimento a fim de rebater estereótipos criados em torno dele, dessa maneira, o espaço ocupado em sala de aula pela disciplina de Ciências e Biologia tem papel primordial para enfatizar o ciclo menstrual de uma maneira positiva, a fim de combater mitos e permitir que os corpos que menstruam possam ser conscientes da importância do autoconhecimento.

Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo identificar concepções de alunas e alunos do 8º ano do Ensino Fundamental acerca do ciclo menstrual, visto que é nessa etapa que o ensino trabalha sexualidade e suas vertentes.

A metodologia que será utilizada para a obtenção dos resultados deste trabalho baseia-se numa pesquisa qualitativa exploratória, sendo o referencial teórico pautado em autores cujas temáticas de trabalho envolvem Gênero, Corpo, Sexualidade, ensino de Ciências e Biologia e Educação Menstrual.

As próximas seções do trabalho dividem-se em referencial teórico, com temáticas relacionadas ao currículo escolar e vistas do ciclo menstrual, principalmente. Na metodologia são apresentadas as formas de obtenção dos dados para a realização deste trabalho, bem como o local em que foi realizado. O trabalho é finalizado com a análise dos resultados e suas

discussões, divididos em subtópicos, e por fim, as considerações finais acerca deste trabalho são levantadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As escolas apresentam um inegável papel social que possibilita o alcance de um conhecimento, muitas vezes, impossível de se obter em outros ambientes, de forma que coloca os indivíduos frente a possibilidades de experiências que os fazem ter acesso a informações fundamentadas, que na grande maioria das vezes pode ser a única fonte de aprendizado acerca de determinado assunto, dessa forma, a aprendizagem obtida na escola deve ser baseada em circunstâncias que promovam autonomia e conhecimento da realidade para os estudantes (YOUNG, 2007).

O currículo escolar é o grande responsável por ascender diversos significados acerca de diferentes questões sociais, inclusive às relacionadas ao entendimento sobre o corpo, tendo o poder de criar ou desfazer visões que circulam em torno deste. Assim, pode-se pensar na perspectiva de que os corpos são percebidos por meio de marcadores socioculturais ligados pela visão biológica, o fenômeno é percebido, principalmente, por meio dos diversos mitos envolvidos no que diz respeito ao ciclo menstrual (RIBEIRO *et al.*, 2016).

No espaço escolar, a educação sexual está relacionada a ciências e biologia, apesar de essas disciplinas muitas vezes diminuírem a visão de complexidade em torno do corpo humano (MOLINA; SANTOS, 2018). Ainda no que tange à Educação Sexual presente no ensino de ciências e biologia, nota-se uma visão limitante, pois baseia-se na perspectiva de fisiológica da reprodução (ALTMAN, 2005), sendo assim, o ensino não se torna emancipatório, pois os discentes acabam por não serem esclarecidos de fato sobre suas dúvidas (MOLINA; SANTOS, 2018). É através dos professores de ciências e biologia que a Educação Sexual é abordada, e é através do posicionamento do professor frente a essas questões que o ensino pode se tornar restritivo (MOLINA; SANTOS, 2018).

Nos livros que abordam o ciclo menstrual há diversos estereótipos em torno desse fenômeno, a começar pelo ciclo apenas com função reprodutiva, em que a menstruação é vista como um desvio, já que o período não resultou em fecundação. Mas não é só a menstruação que tem a sua importância reduzida a meros estereótipos; a ovulação também sofre do mesmo mal. Visto como um processo desperdiçador e que vai sendo degenerado, um processo natural torna-se negativo, além dessas questões, o óvulo é visto com passividade, vulnerabilidade e dependência. Apesar de diversas pesquisas realocarem o óvulo ao seu verdadeiro papel, dentre eles seu papel ativo, a insistência dos termos usados em publicações demonstra o contrário, condizente com uma visão estereotipada (MARTIN, 1991).

Segundo as autoras Soares e Gastal (2016, p. 277), o corpo humano se constrói baseado em “processos culturais e sociais em que estamos inseridos e são vinculados ao percurso da nossa história”, dessa forma, os conteúdos de ciências e biologia precisam ser mais críticos e emancipatórios frente a essas questões. Para as autoras, uma abordagem emancipatória precisa fazer parte do ensino de ciências e biologia, pois essa produz transformação social.

Em uma pesquisa realizada pelos autores Brêtas *et al.* (2011), a qual tratava do significado da menarca para adolescentes de escolas em uma região da cidade de São Paulo, os resultados obtidos foram classificados em cinco categorias, dentre eles a percepção da menarca envolvendo a fertilidade, menstruação e tabu e desinformação. No que tange à fertilidade, a primeira menstruação coloca a menina numa perspectiva de erotização, visto que haverá a relação dos hormônios com os caracteres sexuais secundários e é necessário, nesse momento, uma preparação consciente da menina, visto que irá refletir na sua autopercepção enquanto mulher (BRÊTAS *et al.*, 2011; RODRIGUES, 2006).

Historicamente e culturalmente, a menstruação é alvo de vários símbolos, desde maldições, vergonha e inseguranças a misticismos, sendo que esses mitos são observados até hoje, o qual envolvem declarações que reprimem os corpos femininos, desde restrições que envolvem as naturalidades do indivíduo a orientações do que deve ou não ser consumido e feito. A desinformação também faz parte da vida das meninas, que associam a menstruação a experiências negativas, o qual um processo natural da fisiologia humana passa a ser indesejável; questões desse tipo ocorrem por relações de poder estabelecidas sobre os seus corpos, “corpos produzidos por expectativa de gênero” (BRÊTAS *et al.*, 2011, p. 254), percebido com frequência.

No livro “O Segundo Sexo A Experiência Vivida”, publicado em 1949, base do movimento feminista, a escritora e filósofa feminista Simone de Beauvoir rebate diversas questões quanto ao ser feminino. Em diversos momentos do seu livro, questões acerca da menstruação; depoimentos de meninas que, em sua maioria, não sabiam do que se tratava, ou se sabiam, enxergavam como motivo de desespero, são trazidos. A autora ainda cita o quanto o contexto social interfere em tais questões, julgando-o ser ele quem transformou a menstruação em uma maldição, e discursos que estabeleciam relação da menstruação somente com a gravidez e como ela é vista social, histórica e culturalmente no corpo da mulher foram analisadas.

Segundo a autora, quando ocorre a primeira menstruação, sentimentos de vergonha

aparecem em torno da menina junto a sentimentos de aversão pelo próprio corpo. Historicamente, o período menstrual sempre foi visto como sinônimo de maldição e impureza, mais um motivo que fortaleceu os mitos criados em torno do corpo feminino.

Historicamente o corpo feminino sempre foi alvo de controle; no Brasil colônia as mulheres, por conta de uma organização patriarcal, foram alvo de domínio e submissão, o qual é refletido até os dias atuais. Desde influências religiosas e até da medicina, as mulheres sofrem com expectativas em torno dos seus corpos, como a de procriação como papel biológico e social feminino (BORGES, 2021). Ainda de modo histórico, o corpo feminino sempre foi visto como impuro, o sangue menstrual, além de outras secreções femininas, funcionava para afastar os homens, e diversos misticismos sempre estiveram rondando seus ciclos, como o sangue como um veneno e até tendo o poder de feitiçaria (DEL PRIORE, 1999).

O controle sobre os corpos, principalmente o feminino dá-se também através de discursos que rodeiam e estereotipam o comportamento feminino baseado apenas no fator hormonal, relacionado diretamente ao ciclo feminino, assim, cria-se a ideia de que alterações naturais como a tensão pré-menstrual são complicações que precisam ser resolvidas, além que a própria menstruação é tida como um fator de distúrbio para as pessoas que menstruam (ROHDEN, 2008).

Ainda no que diz respeito à desnaturalização de fenômenos naturais, como é o ciclo menstrual, a fim de manipular mulheres, assim como fortalecer ainda mais meios de controle e estabelecer lucro sobre os corpos, o livro intitulado “Menstruação, a sangria inútil”, defende, através do uso de intervenções, a supressão menstrual, por tratá-la de maneira não necessária aos tempos atuais, à medida em que a trata como uma verdadeira falha frente ao papel feminino, de reproduzir (MANICA, 2011). Durante o decorrer do livro, concepções e demonstrações baseadas na finalidade do uso de contracepções, principalmente hormonais, pelo médico Elisamar Coutinho, levam a análise do ciclo menstrual baseado na visão de algo não mais natural, e conseqüentemente, pode ser suprimida sem causar nenhum problema.

São diversas as pesquisas que apontam que o ensino de Ciências e Biologia é ensinado baseado em um panorama de uma educação higienista e em determinismos. Apesar dessas questões, o espaço ocupado pelo ensino de Ciências e Biologia pode funcionar como local de luta contra os diversos problemas que foram estruturados na sociedade e que são refletidos tanto cultural quanto historicamente, inclusive ao incluir homens trans e algumas pessoas não binárias que menstruam (MARIN; CASSIANI, 2021).

Segundo Zallocco (2019), esse fenômeno fisiológico é alvo de controle desde o seio familiar à indústria e o próprio âmbito educacional, afirmando que

los materiales “pedagógicos” implementados en las escuelas para explicar el ciclo menstrual, así como la industria publicitaria, han forjado un concepto en torno a la menstruación y también a les cuerpos menstruantes. Si bien el mismo ha ido variando a lo largo de la historia y los contextos socio económicos y culturales, siempre la menstruación ha debido ser escondida, con una fuerte carga simbólica en la sociedad. (ZALLOCCO, 2019, p. 236)

Assuntos como esse, que relacionam corpo e a sexualidade, são observados silenciosamente, pautados na vergonha e na confidencialidade, além de na maioria das vezes, apenas saberes biomédicos serem levados em consideração, o qual reflete na exclusão das diversidades desses corpos (ZALLOCCO, 2019; KOHEN; MEINARDI, 2016). À medida em que esse tema, rodeado de estereótipos e velado, é discutido, maiores são as possibilidades de motivar os debates das questões sociais, históricas e culturais ligadas à sexualidade e ao corpo humano, a fim de compreender as relações do conhecimento do feminismo sobre o ciclo menstrual, as relações de poder estabelecidas e reflexões sobre identidade de gênero, se esse espaço for aproveitado de forma crítica (MARIN; CASSIANI, 2021).

Em uma pesquisa realizada pelos autores MARIN; CASSIANI (2021), em uma escola particular da cidade de Bogotá, localizada na Colômbia, que ocorreu com alunos da oitava série foi demonstrada a necessidade de uma educação em ciências voltada para a justiça social e pautada na educação menstrual. Ao final do trabalho, foi possível notar que atualmente já há uma ideia sobre relações de poder estabelecida sobre alguns os corpos que menstruam que são conhecidos pelos estudantes. Além de que, se estruturada num panorama de conhecimento das relações ligadas ao ciclo menstrual, um tema que é conhecido pelo tabu, pode contribuir para uma educação eficiente, crítica e cientificamente falando.

O ambiente escolar, juntamente aos currículos presentes nesse local, caracteriza-se por ocupar espaços propensos e com grande potencialidade para se debater as questões relacionadas ao ser humano e suas subjetividades, como o entendimento sobre o seu próprio corpo e as significações que estão em torno deste (RIBEIRO et al., 2016). São diversos os meios que estabelecem relações de poder sobre os corpos, como a visão médica e biológica, a qual proporcionam uma visão, muitas vezes, restrita (RIBEIRO et al., 2016).

Além dessas questões, há a influência da mídia, no que se refere ao ciclo menstrual, ao analisar campanhas e discursos em torno da menstruação, observa-se a quantidade de representações que a tratam como algo patológico e cercado de estigmas, além da própria

invisibilização do sangue menstrual, o que impacta diretamente em como os corpos que menstruam moldam seus comportamentos (SOUZA, 2017). Tendo em vista o poder que a mídia possui em propagar discursos que podem moldar os indivíduos, deve-se articular e problematizar o ensino com a intenção de analisar o que se passa nesse meio e discutir quais são as visões do corpo estabelecidas (RIBEIRO et al., 2016).

No entanto, em outras mídias, como na rede social Instagram, há perfis em que a pauta da educação menstrual possibilita às pessoas que têm ciclos menstruais, obterem um conhecimento sobre sua fisiologia baseado na ciência e sem rodeá-los de mitos, é o caso da conta “diga vulva”⁴, da bióloga e educadora menstrual, Victória de Castro, que aborda além dos eventos presentes em torno do ciclo, a fim de explicar a fisiologia desse corpo que menstrua, a naturalidade que se deve lidar com os mecanismos do corpo, há também a conta “herselfeducacional”⁵, a qual aborda a importância da educação menstrual de forma crítica e a participação desta para a promoção da autonomia das pessoas que menstruam.

No caso deste trabalho, não abordarei qual o papel da mídia em promover uma educação baseada em autonomia e conhecimento sobre o próprio corpo, no entanto, reconheço a importância desse meio para a educação. Nesse caso, observei quais as concepções que os estudantes de uma escola pública e que estão no 8º ano do ensino fundamental, inseridos no meio escolar, apresentam acerca das temáticas relacionadas à sexualidade e ao ciclo menstrual.

⁴ Perfil presente na rede social Instagram que aborda diversas temáticas relacionadas ao ciclo menstrual e educação menstrual <https://www.instagram.com/digavulva/>

⁵ Empresa que trata sobre dignidade menstrual e que promove formas de educação menstrual <https://www.instagram.com/herselfeducacional/>

3. METODOLOGIA

A pesquisa utilizada para identificar as concepções prévias de alunos do 8º ano acerca do ciclo menstrual baseia-se numa pesquisa de cunho qualitativo exploratório. As pesquisas qualitativas estão presentes, principalmente, nas pesquisas das ciências sociais e humanas e preocupam-se em estabelecer relações entre os indivíduos e a sociedade presentes em diversos espaços e podem ser direcionadas por diversos sentidos (GODOY, 1995). No caso deste trabalho, o ambiente escolar foi o espaço da pesquisa.

A pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador investigar e proporcionar trabalhos com outras visões (GODOY, 1995) e tem como objeto de estudo o foco no sujeito como um todo (MAYRING, 2002), pois está interessada no âmbito “dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MYNAIO, 2001, p. 21-22).

Pelo fato de o trabalho ter o interesse de investigar informações sobre um assunto, bem como firmar os objetivos, sem necessariamente haver a formulação de hipóteses, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória. Nesse tipo de pesquisa, tem-se por objetivo “familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias, realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 63).

O instrumento de coleta dos dados foi um questionário elaborado com o intuito de explorar as concepções prévias dos alunos acerca do tema central da pesquisa. A escolha do questionário deu-se pelo fato da precisão de obter o que se espera, exercer pouca influência, além de possibilitar o anonimato. Assim, os participantes se sentem mais seguros, o que pode facilitar a obtenção de respostas mais verdadeiras (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 53).

O motivo para o trabalho ter o interesse em investigar as concepções dos estudantes do 8º ano de uma escola pública deu-se pelo fato de ser nessa fase de ensino que os conteúdos de Ciências apresentam as temáticas relacionadas ao corpo humano, bem como à sexualidade. Dessa forma, pelo fato de o ciclo menstrual estar incluído nessas temáticas, essa foi a fase de ensino escolhida.

A escola onde foi realizado o trabalho está localizada no bairro Eduardo Gomes, na cidade de São Cristóvão, região metropolitana de Sergipe, a escolha por essa instituição deu-se pelo fato de já ter havido contato em experiências anteriores de estágio docente, além de ser uma escola de bairro, que muitas vezes são esquecidas na realização de pesquisas. A instituição

conta com um quantitativo de 1.152 alunos matriculados e apresenta três etapas da educação básica: Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos. Sendo os alunos da etapa do oitavo (8º) ano do Ensino Fundamental escolhidos para serem o público participante deste trabalho.

O questionário (Apêndice I) apresenta, inicialmente, perguntas gerais que traçam o perfil dos respondentes, como idade e identidade de gênero. Em seguida, há questões que objetivam observar qual a opinião dos estudantes acerca de assuntos relacionados à sexualidade humana, com ênfase no papel da escola ou família e o entendimento dos alunos a respeito do ciclo menstrual e a forma com que lidam com esse período, totalizando um quantitativo de 14 perguntas. A aplicação deu-se com duas turmas de oitavo (8º) ano do turno vespertino e de forma presencial. A aplicação deu-se em apenas um dia, pois coincidiu com o dia em que a professora de Ciências e Biologia do colégio ministrava aula nas duas turmas escolhidas para fazerem parte deste trabalho.

Quadro 1- Estrutura do questionário baseado nas divisões das perguntas e objetivos de cada questionamento

PARTE DO QUESTIONÁRIO	PERGUNTAS	OBJETIVOS
Indivíduos da pesquisa	1, 2 e 3	Conhecer características gerais dos estudantes; idade, série e qual gênero identificam-se
Percepções sobre sexualidade e relações com o âmbito escolar e familiar	4, 5, 6 e 7	Compreender a proximidade com a temática sexualidade e como as conversas estão presentes na escola e na família dos estudantes
Percepções acerca do corpo humano, especificamente o feminino	8 e 9	Identificar se há conhecimento suficiente acerca do corpo e se o conhecimento discutido em sala de aula é suficiente para o seu entendimento
Percepções sobre o ciclo menstrual	10, 11, 12, 13 e 14	Identificar quais são os entendimentos acerca do ciclo menstrual e suas experiências com o fenômeno

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 OS DISCENTES

Os estudantes que foram escolhidos para participar da aplicação do questionário apresentam a faixa etária entre 13 e 17 anos, das turmas de 8º ano C e D, essas turmas foram as escolhidas pelo fato de haver o contato com a professora responsável por elas. A maioria dos estudantes identificam-se como meninas, em que 22 consideram-se cis e apenas uma considera-se trans (23 meninas), e 18 meninos, os quais todos identificam-se como garotos cis. No que diz respeito ao conhecimento dos alunos acerca dos termos relacionados à identidade de gênero, alguns tiveram dúvidas sobre os significados, outra observação percebida é que, ao lerem as perguntas, muitos deram risada do questionamento relacionado ao gênero os quais se identificam. Além disso, foi possível perceber, também, que eles ainda apresentam uma visão limitada acerca do tema deste trabalho.

4.2 ORGANIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

As perguntas realizadas no questionário, antes de tudo, tinham o intuito de compreender em qual faixa etária esses estudantes estão, bem como com qual gênero eles identificam-se, dessa maneira, pode-se estabelecer uma comparação das percepções de meninos e meninas acerca do ciclo menstrual. Com relação às perguntas que objetivam estabelecer uma relação com o tema deste trabalho, ou seja, relacionadas à sexualidade, objetivou-se entender como os discentes encaram o debate que permeia a educação sexual dentro do ambiente escolar e qual relação família e sociedade estabelecem com o conhecimento dos jovens sobre ciclo menstrual e sexualidade. O questionário foi dividido entre 3 questões objetivas e 11 subjetivas.

4.3 PERCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE

Dos quarenta e um questionários respondidos acerca do questionamento “As pessoas da sua casa já falaram sobre assuntos relacionados à sexualidade e ao corpo com você?”, vinte e dois (22) estudantes relataram que alguém do seu convívio já conversou sobre essas temáticas. Outros dezenove (19) estudantes relataram que nunca tiveram diálogo algum sobre esses temas. Algumas respostas deram-se com mais frequência quando a resposta foi que sim. Ao observar esse padrão de respostas notou-se que há uma maior proximidade das mães em conversarem esse tipo de assunto com os adolescentes, além disso, quando eles foram questionados a respeito de como foram essas conversas, as respostas variaram bastante. No geral, a maioria considerou as conversas como normais, entretanto, algumas respostas chamaram atenção, pois, a partir

delas, pode-se notar como essas temáticas aparecem no convívio familiar. As respostas obtidas pelas falas dos estudantes estão citadas a seguir, para nomeá-los foram usados nomes fictícios, foram elas:

Maria: *“minha mãe me disse como funciona o sistema reprodutor”*

Pedro: *“meu pai sobre já ter relação sexual”*

Helena: *“muito estranha, mais é bom pra mim saber de tudo”*

Lucas: *“...vergonhoso mas acho que falaram para o meu bem”*

Clara: *“foram boas, aprendi muitas coisas”*

Isabela: *“ela sempre me orienta, me alerta e me ensina sobre educação sexual”*

A partir de algumas das respostas obtidas, nota-se que, apesar de alguém do convívio que os adolescentes estão inseridos já terem conversado a respeito, o assunto ainda continua sendo um incômodo para alguns ou ainda é limitado apenas à relação sexual e sistema reprodutor. Apenas o estudante 6 afirma que a mãe vai além do geral, inclusive, utilizou o termo “educação sexual”. O fato de alguns estudantes relatarem que foram as mães quem conversaram, compactua com uma pesquisa dos autores Santos, Damiani e Moretti (2001) acerca das percepções de adolescentes sobre gravidez na adolescência, os jovens reconhecem o papel da família quanto aos conhecimentos sobre sexualidade, apesar da responsabilidade recair apenas sobre a figura materna, o que dificulta ainda mais a inserção das temáticas relacionadas à sexualidade.

No que diz respeito aos 19 estudantes que responderam “não” ao questionamento se já tiveram diálogos sobre essas temáticas e como foram essas conversas, algumas respostas foram curiosas e evidenciam o tabu que há em torno das questões ligadas ao corpo e à sexualidade.

Douglas: *“não. Porque eles respeitam o que as pessoas querem ser ou não”*

Marina: *“não nunca, mais gostaria que eles falace comigo”*

Jorge: *“não porque eles sentem vergonha”*

Na resposta do estudante Douglas (nome fictício), percebe-se que há uma certa confusão quanto à importância das conversas, bem como sobre o que se entende a respeito de sexualidade, ao observar que para ele, dialogar sobre a temática é impor o que os pais acreditam, por exemplo. Já baseando-se na resposta dos estudantes Marina e Jorge (nomes fictícios), na

primeira, é perceptível a falta que as conversas fazem, já para o segundo, respectivamente, fica ainda mais claro que para muitas pessoas, o assunto é silenciado. Dessa forma, os pais evitam dialogar sobre o assunto pois consideram que aquele não é o momento adequado, que tratar sobre o assunto irá fazer com que a prática sexual seja adiantada, ou até mesmo, como mencionado pelo estudante Jorge, muitos pais podem se sentir envergonhados

Tal atitude pode estar relacionada ao fato dos pais não terem vivenciado uma educação sexual emancipatória e acabam, portanto, reproduzindo os valores que lhes foram impostos ou oportunizados por outra geração, perpetuando a deseducação sexual (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, p. 257).

Assim, é necessário que a família, como sendo a primeira fonte de informação para os indivíduos, consiga conduzir diálogos sobre educação sexual, bem como interromper silêncios em torno desta temática (SANTOS; DAMIANI; MORETTI, 2001).

4.4 ESCOLA: LUGAR DE CONHECIMENTO

Para quase toda a totalidade dos estudantes, a escola apresenta papel importante em trabalhar assuntos relacionados à sexualidade e eles concordam que esses assuntos sejam discutidos. As principais respostas baseiam-se na ideia de que a escola proporciona conhecimento para quem não entende e quem tem dúvidas. Apenas dois alunos contrapõem-se à necessidade de a escola abordar temas ligados à sexualidade, visto que, para um deles, o assunto não deve ser abordado pois se trata de algo pessoal, o que constata a limitação e confusão quanto a essa temática. Esse tipo de visão baseia-se na perspectiva de que esse é um tema cheio de resistência e concepções errôneas (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013). Além de que, é a partir desse tipo de visão que o tema se torna rodeado de barreiras para a sua discussão, o que promove ainda mais silenciamentos de violências sexuais, em que grande parte das vezes acontece no próprio ambiente familiar, pois, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos cerca de 73% das violências sexuais contra crianças e adolescentes acontecem nesse ambiente.

Já no que diz respeito ao que eles aprenderam quando esses assuntos foram abordados, a maioria citou sistemas reprodutores, reprodução, ciclo menstrual e em menor quantidade, houve a citação do termo “prevenção”. Os demais têm a concepção de que é necessário e de extrema importância a abordagem desse tópico, notado principalmente a partir das seguintes falas:

Carol: *“para tratar com respeito as pessoas que tem gostos diferentes e que as pessoas pode gosta da pessoa do mesmo sexo”*

Isabela: *“tem que ser obrigatório”*

Daniela: *“se conhecerem melhor”*

Bruna: *“algumas meninas na escola já têm bebês então eu acho certo ter o auxílio da escola”*

Renata: *“sistema reprodutor masculino e feminino”*

Raiane: *“sim porque alguns pais não gosta muito de fala sobre isso com os filhos”*

Katlyn: *“tem que ser trabalhado assuntos leves”*

Ao se debater essas questões de maneira crítica, os estudantes poderão ter acesso a conhecimentos que fogem do senso comum, a partir do momento em que as significações, as interpretações culturais serem levadas em consideração, as consciências em torno dos fenômenos seriam geradas, o que resulta em uma educação emancipatória (VASCONCELOS, 1971).

Também é observado que para alguns, apesar de verem importância, acham que o assunto deve ser tratado de forma leve, dessa forma, espera-se que se leve em consideração a autoformação do indivíduo para que ele tenha consciência sobre suas próprias práticas (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013). Além disso, outros estudantes relacionaram apenas ao conhecimento do sistema reprodutor masculino e feminino e à reprodução, assim, há a redução da complexidade da educação sexual, limitando-a, apenas, a visão da fisiologia da reprodução (ALTMAN, 2005). Além de concordar com Young (2007), visto que a escola proporciona a obtenção de conhecimentos, muitas vezes não possível em outros ambientes, como é o caso dos estudantes que não têm acesso as informações em suas casas.

Grande parte dos discentes consideram suficiente o que é trabalhado na escola a respeito dos corpos. Apenas nove (9) estudantes afirmam que não considera suficiente o que é apresentado, e só um considera mais ou menos, ambos não justificaram os motivos.

4.5 ENTRANDO NO TEMA MENSTRUAL...

Os questionamentos e as respostas obtidas a seguir traçam o caminho principal deste trabalho, pois estão intimamente ligados ao meu objetivo com a pesquisa. Para adentrar, de fato, com o tema primordial do trabalho, primeiramente precisei analisar as opiniões dos adolescentes em temáticas mais amplas, como corpo e sexualidade, apenas a partir da nona pergunta é que o assunto foi direcionado às pessoas que menstruam e ao ciclo menstrual. Ao iniciar a partir daqui, busquei identificar se os estudantes consideram se o corpo feminino é

discutido em sala de aula e em quais momentos. Vinte e dois (22) estudantes relataram que o conhecimento sobre corpo feminino é discutido em sala de aula, relacionando-os aos momentos em que se discute ciclo menstrual e gravidez, principalmente, além de enfatizarem que as discussões ocorrem nas aulas de ciências. Doze (12) alunos relataram que não há discussão a respeito em sala de aula.

A partir de agora estaborecerei comparações entre as respostas das meninas e dos meninos, visto que as próximas discussões trazem uma visão única de cada indivíduo que respondeu o questionário. Ao analisar os tópicos do questionário, eles estão divididos em questões básicas, como “para que serve?”, “você vê importância?”, “informações ditas pela sociedade”, “onde você aprendeu?” e “experiência/como se relaciona”. Todas essas questões estão relacionadas ao ciclo menstrual.

As principais respostas obtidas dos meninos que participaram da pesquisa variaram muito de acordo com a opinião de cada um, mas foram classificadas pela proximidade das respostas de alguns. Em geral, foi citado que a menstruação serve para ajudar as mulheres e fazer com que elas se sintam bem, alguns responderam que ela não serve para nada ou que não sabiam para que serve. Mas algumas respostas demonstraram visões ligadas apenas à gravidez, bem como a visões de inutilidade e desconforto, exemplificadas a seguir:

André: *“sinal que pode engravidar”*

Tiago: *“para botar para fora os óvulos mortos”*

José: *“serve só para fazer dor a elas”*

Guilhermino: *“tirar as coisas ruins do útero”*

Além disso, foi reforçado pela resposta dos meninos, acerca do questionamento como eles se relacionam com esse episódio, em diversas frases, a ideia existente de que toda mulher fica confusa e estressada com o fenômeno. Com relação ao questionamento que buscava entender onde eles aprenderam a informação, majoritariamente, a resposta que mais apareceu foi que apenas na escola. Sendo apenas dois alunos que citaram terem aprendido com algum familiar.

A visão que as meninas apresentaram no que se refere ao ciclo menstrual apresentou desde uma visão reducionista, higienista a uma visão mais ampla, dentro dos conhecimentos que lhe estão disponíveis baseando-se na série e idade que elas apresentam. Grande parte das adolescentes relacionaram ciclo menstrual com gravidez e afirmaram que esse fenômeno é

importante para a saúde feminina, afirmando, inclusive, que é importante para o organismo e que é natural. Diversas meninas citaram a importância e as informações ditas pela sociedade através de frases rodeadas de mitos e estereótipos sobre o sangue menstrual:

Vanessa: *“porque limpa o nosso útero”*

Aline: *“que é bom por conta que quando menstrua disse que limpa”*

Jéssica: *“que quando estamos menstruadas somos impura e que esse sangue é um sangue ruim que sai da gente”*

Raiane: *“pra saúde da mulher a menstruação e tirando as coisas ruins dentro de nós”*

Larissa: *“que a menstruação pode ocorrer mesmo na gravidez”*

As respostas citadas pelas meninas compactuam com a pesquisa realizada por Soares e Gastal (2016), em uma turma da EJA, a qual tinha o intuito de analisar as concepções dos alunos dessa modalidade a respeito da menstruação, menopausa e climatério. Grande parte das respostas desses estudantes eram baseadas em uma ideia de menstruação como limpeza de algo impuro, no caso, o útero. A ideia de que menstruar é algo impuro está presente na sociedade há milhares de anos, em algumas sociedades essa visão é mais presente que em outras, além de estar presente em passagens religiosas e tradições filosóficas (SOARES; GASTAL, 2016).

Além disso, houve certa confusão no que diz respeito ao entendimento do fenômeno, sendo citado duas vezes que os ciclos servem para promover a liberação dos ovários, nesse caso, as alunas apresentam uma visão errônea quanto a diferença entre ovários e óvulo. Uma das diferenças obtidas nas respostas das meninas, é que grande parte delas também já tinha ideia em relação ao fenômeno baseada nas informações que receberam em casa, ademais, quase todas elas consideram a experiência como ruim e dolorida, inclusive, foi citada por uma das alunas que os homens também deveriam passar pelo mesmo.

Ao analisar os discursos desses jovens, nota-se, em grande proporção o quanto o corpo humano é observado a partir de marcadores socioculturais ligados a uma visão estritamente biológica (RIBEIRO *et al.*, 2016) que rodeia o ciclo menstrual de diversos mitos, relacionado a essas questões, a visão higienista foi observada tanto nas respostas das meninas quanto das meninas, trazendo a desinformação em que um processo fisiológico natural torna-se detestável, e sinônimo de um fardo na vida das meninas (BRÊTAS *et al.*, 2011), percebida pela frase “os homens também deveriam passar por isso”.

Primordialmente, as principais respostas baseiam-se no reducionismo da importância desse fenômeno, visto apenas como servidão para a fisiologia da reprodução (ALTMAN, 2005). Concordando com diversos autores, entre eles Del Priore (1999), nota-se que historicamente o sangue menstrual sempre foi visto como impuro e rodeado de misticismos, percebidos pelas frases ditas como se nesse período, as meninas ficassem impuras e o sangue menstrual fosse o responsável por permitir a retirada de coisas que não fazem bem do útero das mulheres.

Nas respostas dos estudantes são claras as confusões de termos e dúvidas que eles apresentam frente a esse assunto. Dessa forma, quando não se há esclarecimentos que saiam do modo restritivo de ensino, assuntos como esses fazem com que essas dúvidas não sejam esclarecidas e a desinformação permaneça com esses estudantes (MOLINA; SANTOS, 2018). Assim, espera-se que os professores de Ciências e Biologia possam atuar como esclarecedores das informações relacionadas à sexualidade, a fim de promover uma educação baseada na criticidade e com real conhecimento sobre o próprio corpo, visto que em grande parte das vezes essas informações só são conhecidas pelos alunos no ambiente escolar.

Ao analisar cada resposta obtida por meio da aplicação do questionário, é possível notar a importância que grande parte dos estudantes de ambas as turmas deram ao diálogo sobre sexualidade no ambiente escolar, apesar de vários deles nunca terem tido essas conversas dentro do seu convívio familiar, essa característica se perpetua até os dias atuais, pois muitos pais, pelo fato de também não terem tido essas conversas, acabam por preferir também não conversarem com os seus filhos, já que acreditam que ainda não é a hora, por preconceito com o assunto ou resistência de diversas maneiras em tratar dessas questões.

Dessa maneira, evidencia-se ainda mais a necessidade de a escola acolher as dúvidas desses jovens e dialogar sobre isso. No entanto, para que os alunos sejam esclarecidos, é necessário deixar a perspectiva do conhecimento puramente biológico de lado, bem como da fisiologia baseada apenas na reprodução e pensar em maneiras de se debater sexualidade observando os significados que os alunos apresentam sobre ela, em quais meios sociais e culturais eles estão inseridos, para que a partir daí, eles se reconheçam e esclareçam seus anseios e questionamentos.

Acerca da temática central deste trabalho, as perguntas iniciais buscaram colocar o corpo feminino como objeto principal e qual lugar ele ocupa no ensino, a maioria dos alunos concorda que o conhecimento a respeito do corpo feminino é discutido, por mais que seja relacionando-o apenas à reprodução, citando gravidez e ciclo menstrual. No que se refere ao

ciclo menstrual, nota-se que o conhecimento sobre esse assunto ainda é confuso e limitado, visto que tanto meninas quanto meninos apresentam visões estereotipadas, com alguns mitos presentes, com a ideia de que a menstruação tivesse que limpar algo que está sujo, dessa forma, nota-se uma visão higienista quanto ao corpo feminino que perdura até hoje.

Além disso, durante a aplicação do questionário notei que os estudantes demonstraram certo estranhamento para responder as perguntas, inclusive as próprias meninas, apesar de já terem tido sua primeira menstruação, tinham dúvidas em muitos questionamentos. Esse tipo de observação demonstra ainda mais o quanto o assunto é silenciado e tratado de maneira inteiramente íntima, enquanto isso, muitos jovens ainda perduram com suas dúvidas pois consideram esse assunto como um tabu. No entanto, a depender de como essa temática será tratada, baseada em uma perspectiva emancipatória e levando em consideração as significações em torno dela, “[...] pode representar uma potência, enquanto esse ensino aconteça de maneira crítica e para além do ensino de nomes de hormônios e glândulas do sistema endócrino, embora consideramos que aprender esses nomes também é muito importante” (MARÍN; CASSIANI, 2021, p. 100).

Apesar dos diversos retrocessos envolvendo as temáticas relacionadas ao corpo, gênero e sexualidades, o que dificulta ainda mais o debate e inserção desses temas no ambiente escolar, a BNCC e o currículo de Sergipe ainda preservaram alguns dos debates acerca desses temas, embora os conteúdos intitulados “Vida e Evolução” na disciplina de Ciências, nível fundamental, ainda abordarem a perspectiva do ciclo menstrual numa perspectiva biológica e higienista. Ainda assim, é um dos poucos currículos que preservam as discussões em torno de corpo, gênero e sexualidades, o que abre espaço para, conforme Santos, Silva e Martins (2021), uma educação pautada em uma biologia menor, que leva em consideração multiplicidades e diferenças dos indivíduos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se propôs a analisar quais concepções os estudantes do 8º ano de uma escola pública apresentam acerca da sexualidade, educação sexual e do ciclo menstrual, na medida do que foi possível analisar a partir de um questionário estruturado em 14 perguntas e como essas concepções estão relacionadas a como determinados fenômenos são percebidos tanto por meninas quanto por meninos.

O total de jovens para quem apliquei o questionário foi de 41 indivíduos, apesar de apenas alguns terem respondido aos questionamentos. Assim, percebi as dificuldades

encontradas em aplicar um questionário para alunos em determinada fase do ensino, com um tema que carrega certa especificidade e que muitos deles não se sentem confiantes em falar, além do que, muitos podem não ter ainda o conhecimento necessário.

Ao parar para analisar o objetivo da pesquisa, esse, de certa forma, foi atingido, mesmo com uma quantidade reduzida de dados para analisar. Mesmo dessa maneira, a partir das respostas obtidas, pode-se pensar em formas de proporcionar um ensino a respeito dessas questões de forma mais eficiente, levando em consideração, primordialmente, quais são as dúvidas que eles apresentam e quais significados atribuem a determinados temas.

Apesar da dificuldade em encontrar material que tratasse especificamente sobre ciclo menstrual no que diz respeito aos significados atribuídos a ele, o que foi encontrado concorda com o resultado obtido pelo trabalho, visto que as representações que os alunos apresentam ainda se baseia numa perspectiva puramente biológica, higienista e estereotipada, rodeada de mitos que impedem uma educação emancipatória, com verdadeiro conhecimento adquirido sobre os seus próprios corpos. Sendo assim, as respostas obtidas baseiam-se tanto no ensino que os alunos recebem, em que muitas vezes não há a reflexão de que ensino se quer levar para esses estudantes, com quais ideias de corpos e sexualidades, bem como das informações que são discutidas ou silenciadas dentro de suas casas.

Para mim, enquanto futura professora de ciências e biologia, investigar quais as concepções que esses estudantes apresentam sobre um conteúdo que em grande parte das vezes é passado sem nenhuma contextualização com o dia a dia dos alunos foi de extrema importância, pois muitas vezes, os assuntos que são competência do ensino de ciências e biologia estão distantes da realidade dos alunos ou não são colocados de maneira próxima a eles. Essa consideração vem do fato de os professores muitas vezes não terem uma formação voltada para o debate acerca dessas temáticas, nem formações continuadas que propiciem o conhecimento embasado e sem preconceitos para se discutir educação sexual. Além disso, não cabe apenas ao espaço escolar e aos docentes dialogar sobre tais questões, as informações que os estudantes recebem em seu convívio familiar são de extrema necessidade para se pensar em uma educação emancipatória e com conhecimento que promova autonomia sobre os seus próprios corpos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, H. Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BAHIA, L. Relatório Livre para Menstruar. Pobreza menstrual e a educação de meninas. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://livreparamenstruar.org/>>. Acesso em: 22 maio. 2022.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p. 499.
- BRÊTAS, J.R.S *et al.*, Significado da menarca segundo adolescentes. **Acta Paul Enferm**, 2012, v. 25, n. 2. p. 249-255. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/5Qy4wVLFR8BZ6GgrwPqb5mL/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 21 maio. 2022.
- BORGES, N.C. O corpo, a mulher e outros significados. *In*: GEVEHR, D.L. **TEMAS DA DIVERSIDADE experiências e práticas de pesquisa**. Científica Digital, 2021, v. 2, p. 44-59. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/201102017.pdf>>. Acesso em: 21 maio. 2022.
- CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; DA SILVA, R. Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DEL PRIORE, M. Viagem pelo interior do imaginário feminino. **Revista Brasileira de História**, 1999, v. 19, n. 37. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/xfkpi4qPpnVW78TJQGZrcmK/?lang=pt#>>. Acesso em: 19 maio. 2022.
- GODOY, A.S. PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS FUNDAMENTAIS. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun., 1995.
- GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR E ESCOLAR: IMPASSES E DESAFIOS. **HOLOS**, [S. l.], v. 5, p. 251–263, 2013. DOI: 10.15628/holos.2013.784. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>. Acesso em: 26 out. 2022.
- KOHEN, M.; MEINARDI, E. Problematizando las enseñanzas sobre la menstruación en la escuela: lo disimulado, lo negativo, lo silenciado. *Bio-grafías*, v. 9, n. 16, p. 179-183, 2016.
- MANICA, D.T. A DESNATURALIZAÇÃO DA MENSTRUÇÃO: HORMÔNIOS CONTRACEPTIVOS E TECNOCIÊNCIA. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 35, p. 197-226, jan./jun. 2011.
- MARÍN, Y. A.O; CASSIANI, S. Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem? Outras abordagens sobre a menstruação no ensino de ciências e biologia. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 14, n. 22, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22807>> . Acesso em: 21 maio. 2022.
- MARTIN, E. The Egg and the Sperm: How Science Has Constructed a Romance Based on Stereotypical Male-Female Roles. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**. 1991, v.

16, n. 3, pp. 485–501. Disponível em:

<<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/Martin1991.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2022.

MAYRING, P. Introdução à Pesquisa Social Qualitativa: Uma orientação ao pensamento qualitativo. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MINAYO, M.C.S (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, A.M.R.; SANTOS, W.B. Educação Sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 1149-1163, jul./set., 2018.

RIBEIRO, P.G.C et al., O ENSINO DE BIOLOGIA E SUAS ARTICULAÇÕES COM AS QUESTÕES DE CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES. **Biografia Escritos sobre la Biología y su enseñanza**, v. 9, n.16, p.77-86, jan./jun., 2016.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.

RHODEN, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, p.133-152, jun., 2008.

SANTOS, S. P. SILVA, E. P. Q. MARTINS, M. M. Educação em biologia menor: livros didáticos e redes possíveis de desterritorialização de gêneros e sexualidades. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 382-398, maio/ago. 2021

SOARES, M.N.T.; GASTAL, M.L.A. O início, o fim e o meio: algumas concepções e imagens de estudantes da EJA sobre menstruação, menopausa e climatério. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 16. n. 2. p. 275-293, ago, 2016.

SOUZA, T. M. PERSPECTIVAS SOBRE A MENSTRUACÃO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA PUBLICIDADE E NA MILITÂNCIA FEMINISTA ONLINE. **CSOonline- Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 23, p. 295-314, 2017.

VASCONCELOS, N. Os dogmatismos sexuais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1312, set./dez., 20017.

ZALLOCCO, O. Lo cuir de la menstruación en las aulas. **Revista de Educación**, v. 10, n. 8, p. 233-250, 2019.

APÊNDICE I
QUESTIONÁRIO

- 1- Idade: _____
- 2- Série: _____
- 3- Você se considera

() menina cis () menino cis () menina trans () menino trans outro:

- 4- As pessoas da sua casa já falaram sobre assuntos relacionados à sexualidade e ao corpo com você?
- 5- Como foram essas conversas?
- 6- Você acha importante que assuntos relacionados à sexualidade sejam trabalhados na escola? Se sim, por quê?
- 7- Nos momentos em que esses assuntos foram trabalhados na escola, o que você aprendeu?
- 8- Você acha que os assuntos aprendidos na escola sobre essas questões são suficientes para o conhecimento do corpo?
- 9- Você acha que os conhecimentos sobre os corpos das mulheres são discutidos em sala de aula? Caso sim, relate em quais momentos.
- 10- No seu entendimento, para que serve o ciclo menstrual?
- 11- Você vê alguma importância da menstruação para a mulher?
- 12- Em nossa sociedade, muitas informações são ditas sobre a menstruação. Cite algumas delas que você já tenha ouvido.
- 13- Onde você aprendeu o que sabe sobre ciclo menstrual? Foi em algum outro lugar além da escola?

- 14- Se o seu corpo menstrua, relate como tem sido essa experiência para você. Caso seu corpo não menstrue, cite como você se relaciona com esse episódio na vida feminina.

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro aluno(a), você está sendo convidado(a) para participar desta pesquisa. Seu papel aqui é responder a um questionário e as suas respostas são de grande importância e contribuição para o meio científico. O questionário é destinado à pesquisa integrada ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado de: **CICLO MENSTRUAL: CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 8º ANO ACERCA DO FENÔMENO**

A pesquisadora e autora do projeto sou eu, Sabrina Santos Matos, graduanda de licenciatura do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. Na supervisão do trabalho está a Professora, Pesquisadora e Doutora Livia de Rezende Cardoso. O questionário a seguir contém 14 questões, variando entre questões abertas (subjetivas) e fechadas (objetivas). O tempo para responder este questionário é de 10 a 15 minutos, varia conforme as respostas e a particularidade de cada pessoa. Então, reserve esse tempo para responder às questões. Os seus registros serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados deste questionário serão utilizados para fins científicos, porém, você não será identificado(a) por nome. Sua participação no estudo é voluntária. Você não terá custo e nem receberá por participar. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação com o pesquisador ou com a instituição.